

## DA EXPERIÊNCIA AO ANONIMATO: PALAVRAS, SILÊNCIOS E MEMÓRIAS EM *A HORA DA ESTRELA* E *PONCIÁ VICÊNCIO*

Flávia Cristina Batista da Rocha da SILVA (PIBIC-UEMS;  
Letras /Dourados)

Paulo Henrique PRESSOTTO (Letras – UEMS/Dourados)

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo comparar as obras *A hora da estrela* (1999), de Clarice Lispector e *Ponciá Vicêncio* (2017), de Conceição Evaristo sob a ótica da Literatura Comparada. Dar-se-á enfoque principalmente na construção do tempo e do espaço nos dois enredos, além de mostrar como suas protagonistas Macabéa e Ponciá se constituem como sujeitos, destacando também o contexto de miséria e a indiferença à mulher pobre, migrante nordestina, e à mulher pobre e negra. Será abordado também o tema anonimato, que cai exatamente sobre as ações e condições dos sujeitos quando seguem uma vida de perspectivas fracassadas, ou abortadas pelo sistema e contexto, nos quais estão inseridos, revelando de que maneira, se constituem nas duas obras.

**Palavras-chave:** Lispector; Evaristo; Literatura comparada.

### Considerações iniciais

*A hora da estrela* (1977 - data da primeira publicação) foi o último livro escrito por Clarice Lispector (1920-1977) antes de sua morte. Um romance que tem uma protagonista chamada Macabéa (nome de origem judia). Os fatos narrativos dessa obra giram em torno desta personagem; mulher pobre, nordestina, e que vem representar todo um grupo de pessoas anônimas e sem muitas perspectivas de mudança de vida no país, tendo como consequência o não sair da miséria, provocado por um sistema político-social injusto em destaque no texto. Além disso, devido à condição de seu meio, Macabéa é uma mulher que exala certa inocência e, por isso, pode-se intuir certa alienação de sua parte sobre a realidade ao redor, desenhada pelo micro contexto de sua existência do interior do nordeste e pelo macro contexto de uma nação que não a vê como tantas mulheres pobres, marginalizadas e, por isso, invisíveis no país.

Ponciá Vicêncio, personagem principal do romance *Ponciá Vicêncio* (2003, data da primeira publicação), da escritora mineira Conceição Evaristo (1946), vive sonhando em mudar de vida, ou melhor, ir para a cidade grande, trabalhar e ganhar dinheiro para poder se ajudar e ajudar a sua família. Ponciá vive seus sonhos misturados à memória de seus antepassados. No percurso de sua história, percebe-se que ela é vítima de uma cultura discriminatória e de um sistema histórico, social e

político brasileiro extremamente injusto com os negros e com a camada mais pobre da população.

Muitos estudos foram realizados sobre o romance *A hora da estrela* (1999) e atualmente vários trabalhos críticos já podem ser encontrados sobre *Ponciá Vicêncio* (2017), mas não há trabalhos que comparem essas duas obras pela vertente crítica/analítica que agora se expõe.

Este artigo se justifica então por apresentar um estudo no âmbito da Literatura Comparada, entre os romances referidos, destacando aproximações e distanciamentos entre as narrativas no que se referem à forma e aos temas, assim como a constituições de personagens femininos que se tornam únicos na plêiade das narrativas canônicas brasileiras, escritas por mulheres, ou não. Macabéa e Ponciá Vicêncio pertencem a um grupo de pessoas marginalizadas por serem mulheres, negras, nordestinas e pobres, e, por isso, estudá-las, de uma forma mais profunda, faz com que toquemos no cerne do sentido, ou da ferida, de nossa cultura carregada de fatos sociais como o racismo, o machismo, o preconceito contra a pobreza de maneira ampla.

Para o norte deste estudo, foram estabelecidos alguns questionamentos. São eles: a) Com relação ao gênero, como Macabéa e Ponciá Vicêncio estão configuradas, no que tange a identidade, a subjetividade e a constituição do sujeito para além do estereótipo? b) Diante de um sistema que não enxerga os menos favorecidos, de que maneira o anonimato atinge as personagens? c) De que forma o social e o político surgem no texto e se tornam temas a serem criticados? d) Como se apresenta o foco narrativo em cada romance e qual a sua importância no que se refere aos sentidos metafóricos das narrativas? e) Qual a importância da memória em sua articulação com os aspectos formais, como o espaço e o tempo, e os temas apresentados? f) Quais são as aproximações existentes entre Macabéa e Ponciá Vicêncio no que se referem às relações de poder com o outro, principalmente com o homem com que cada uma se relaciona? g) Como ocorre o processo de anonimato e a indiferença de sujeitos nas obras? h) Quais as características do romance contemporâneo que se pode encontrar nas obras, relacionando-as à circularidade no espaço e no tempo, espelho de prisão das personagens? i) Como a memória está presente nas narrativas e qual a sua importância para a forma e os temas nos enredos? j) Como é a representação do desencaixe temporal e espacial nas narrativas no que tange a vida das personagens? l) Como se configura a palavra e a escrita nas obras em contraposição ao silêncio?

Com base nestas questões, estabelecemos os seguintes objetivos: Comparar *A hora da estrela*, de Lispector e *Ponciá Vicêncio*, de Evaristo, dando enfoque principalmente aos personagens no tempo e no espaço; mostrar como as personagens, Macabéa e Ponciá, constituem-se como sujeitos, destacando também o contexto de miséria e a indiferença à mulher pobre, migrante nordestina, e à mulher pobre e negra;

abordar o tema do anonimato que cai exatamente sobre as ações e condições das personagens quando seguem uma vida de perspectivas fracassadas, ou abortadas pelo sistema e contextos nos quais estão inseridas; revelar as condições de vida de uma mulher pobre nordestina, representada por Macabea, e de uma mulher pobre negra, representada por Ponciá, trazendo para a abordagem os estudos de gênero; destacar também o descarte de personagens estereotipados nessas narrativas; levantar a crítica social-política presente nas histórias; analisar o foco narrativo, relacionando-o ao tema de cada obra; mostrar a importância da memória na narrativa, relacionando-a ao personagem, ao tempo e ao espaço; destacar as relações de poder, assim como o machismo nos romances; em *Ponciá Vivência*, destacar também o racismo e como ele se configura na história; analisar o tempo e o espaço, bem como o movimento circular das personagens; descrever e refletir criticamente sobre o contexto social de ambas narrativas, comparando-as nas semelhanças e diferenças; verificar a configuração da memória em sua articulação com o espaço, o tempo e a personagem; destacar os sentidos metafórico/simbólico da palavra e do silêncio nas obras, relacionando-os com a subjetividade e a identidade dos sujeitos, além de buscar um sentido mais abrangente no campo social e político.

## Literatura comparada

Embora a literatura comparada tenha diversos vieses de abordagem, nossa perspectiva aborda o social, o político e o cultural, com objetivo de compreender como está constituído o tempo e o espaço nas presentes obras *Ponciá Vivência* de Conceição Evaristo e *A hora da estrela* de Clarice Lispector, evidenciando como as personagens são constituídas subjetivamente, de maneira que as tirem do anonimato. Sendo assim, se faz necessário discutir sobre o que é literatura comparada, e como ela vai dialogar com os aspectos sociais e literários que vamos analisar nesse artigo.

Cabe ressaltar que a Literatura comparada tem por objetivo investigar as semelhanças presente em duas ou mais obras, baseando-se em uma confrontação literária, tomando como base uma visão mais ampliada da constituição de cada objeto e, a partir dessa comparação, comprovar as multiplicidades, características, adversidades e riquezas de cada texto. Carvalhal (2006) enfatiza que essa comparação mostra a crítica em seu sentido textual, não agregando valores, mas sim destacando a importância dessas obras e de seus respectivos autores para a história da literatura.

A crítica literária, por exemplo, quando analisa uma obra, muitas vezes é levada a estabelecer confrontos com outras obras de outros autores, para elucidar e para fundamentar juízos de valor. Compara, então, não apenas com o objetivo de concluir sobre a natureza dos elementos confrontados, mas, principalmente, para saber se são iguais ou diferentes. Pode-se dizer, então, que a literatura comparada compara não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário

uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe (CARVALHAL, 2006, p.7-8).

Por meio da comparação será possível trazer as peculiaridades de cada obra, possibilitando ao leitor um olhar mais aprofundado das autorias e das narrativas, como também o leva a entender que o estudo de comparação tem sua importância para a literatura, tendo em vista que a explanação dos aspectos sociais e literários, que cada obra tem em comum ou não, nos leva a um entendimento maior sobre a construção da subjetividade presente nos textos. Isso também nos possibilita várias reflexões sobre o estilo que foi agregado em cada uma.

Nesta perspectiva, a Literatura comparada dialoga com outras áreas do conhecimento, isto é, a literatura comparada possibilita a articulação com várias outras disciplinas e ela nos alçará de diversos recursos para nossa análise discursiva, pois, segundo Carvalhal (2006, p.47), “[...] a literatura comparada torna-se duplamente comparativa, atuando simultaneamente em mais de uma área.”

### **As narrativas: *A hora da estrela* e *Ponciá Vicêncio***

Em *A hora da estrela* é retratada a saída da personagem principal do interior do Nordeste para a cidade grande e a divisão de classes. Macabéa está inserida na grande metrópole do Rio de Janeiro, entre a década de 60 e 70, já que Clarice traz algumas referências desta época, quando cita a atriz Marilyn Monroe e o sonho da personagem em ser como ela.

Dentro desse contexto, a autora visa fazer uma crítica sobre a condição de miséria em que Macabéa se encontra, levando-a a sair do interior do Nordeste para o Rio de Janeiro em busca de oportunidade, de melhora de vida; mas na metrópole, a personagem se vê desamparada e solitária, ao se deparar com a realidade de modernização.

A miséria é refletida na vida da personagem como no momento em que ela come papel para saciar a fome, e a lembrança da farinha, rapadura e carne de sol. Aqui é revelado seu lugar de origem. Ao lembrar com Olimpo essas iguarias do Nordeste, os indícios da pobreza enfrentada na cidade grande se amenizam. No trecho aqui apresentado, será possível perceber a condição de pobreza em que a personagem se encontra: “Deitada, não sabia. Às vezes antes de dormir sentia fome e ficava alucinada pensando em coxa de vaca. O remédio então era mastigar papel bem mastigadinho e engolir” (LISPECTOR, 1999).

A condição de miséria de Macabéa evidencia o egocentrismo e a desigualdade social apresentada pelo desenvolvimento da cidade e o capital, ou seja, a marginalização do sujeito provocado pelo processo de globalização.

Já em *Ponciá Vicêncio*, Evaristo evidencia todo o contexto de desigualdade sofrida pelos afrodescendentes no período de abolição da escravatura e é por meio da memória de Ponciá, e dos demais personagens, que a autora explicita todas as injustiças e pobreza causada pela desigualdade racial e social. Essas questões são retomadas em diversas passagens da obra, em especial no trecho que fala sobre a fome e o desamparo sofrido pela personagem ao chegar à cidade grande.

Apesar do desconforto, da fome, da broa de fubá que acabara ainda no primeiro dia, do café ralo guardado na garrafinha, dos pedaços de rapadura, que apenas lambia, sem ao menos chupar, para que eles durassem até ao final do trajeto, ela trazia a esperança como bilhete de passagem (EVARISTO, 2017, p.32).

A personagem se configura no romance como o oposto das personagens épicas, pois sua trajetória de vida aponta para um abismo degradante da sociedade moderna. Ela está posta como uma mulher pouco habilitada para o trabalho e totalmente fracassada no amor, um ser desprovido de qualquer talento, onde vive simplesmente por viver. É representada na obra como um peso morto.

Como podemos ver, tanto em *A hora estrela* quanto em *Ponciá Vicêncio*, o contexto destacado pelas autoras é de pobreza e exclusão social. As duas narrativas têm a representatividade de personagens marginalizadas por um sistema social excludente. Portanto, é necessário compreender como essas representatividades estão expostas em obras literárias como estas, por exemplo.

De acordo com Dalcastagné (2007), a maioria das obras literárias que trazem a representatividade das pessoas que estão à margem da sociedade é de escritores brancos e de classe social elevada. Além disso, a crítica menciona a escritora Maria Carolina de Jesus, e sua obra, para explicar que só se fala sobre representatividade de um espaço de miséria quem já passou por ela. Ainda, segundo a autora (2007, p.19), a literatura é um “Espaço onde se constroem e se validam representações do mundo social, a literatura é também uns dos terrenos em que são reproduzidas e perpetuadas determinadas representações sociais, camufladas, muitas vezes, no pretenso ‘realismo’ da obra”.

Com isso, os autores literários, como Evaristo e Lispector, mostram esses temas de um modo tão real que nos impulsiona a um posicionamento. Contudo, é importante observar que alguns autores falam sobre o outro de maneira a questionar quem é esse outro e qual o posicionamento que este exerce na sociedade. Dessa forma, em nossa análise, podemos ver que Evaristo também traz a sua representatividade ao falar de Ponciá, pois há a identificação da autora com a sua personagem.

Por outro lado, podemos pensar que Clarice Lispector não tenha essa representatividade com Macabéa, porém Dalcastagné (2007, p.22) diz que Lispector não passa pela contestação ao retratar um espaço social ao qual não pertence.

Constrangimentos que não caberiam em obras de autores como Clarice Lispector ou Rubem Fonseca, por exemplo, que não têm porque justificar, ao menos não de forma imediata, sua escrita, e tampouco precisam recorrer a gêneros como ‘diários’ ou ‘testemunhos’ para respaldar suas narrativas (DALCASTAGNÉ, 2007, p.22).

Dessa maneira, percebemos que Lispector não é criticada ao escrever sobre um tema marginalizado simplesmente por não pertencer a tal classe, pois as pessoas descritas em suas obras estão bem representadas com riquezas de detalhes. Cabe-nos lembrar de que a autora morou no Nordeste, e que conheceu a vida das mulheres nordestinas, assim podemos dizer que essas mulheres estão muito bem representadas em *A hora da estrela*.

## O espaço e o tempo na narrativa

O espaço e o tempo em *Ponciá Vicêncio* estão diretamente ligados à memória da personagem. É através de suas lembranças que Ponciá vai retomando seu passado e presente. A partir delas que será construído todo o enredo da obra. O espaço e o tempo na narrativa têm a função de resgatar a história dos afrodescendentes marginalizados pela sociedade, levando-nos a uma maior compreensão de como esses dois aspectos irão influenciar a vida dessa personagem.

O primeiro espaço que aparece na obra é o interior do Brasil, um cenário simples de muita pobreza. E é esse ambiente que levará a personagem a buscar outras oportunidades. Cabe-nos ressaltar que esse primeiro espaço, que aparece na obra, traz a marca da escravidão, vivida pelos ancestrais da personagem. O tempo vai interagir diretamente com o espaço, pois quando a personagem migra para o segundo espaço, a cidade grande, é através da memória que ela faz uma ponte entre os dois cenários durante todo o enredo.

Já em *A hora da estrela*, o espaço é marcado pelo rural e urbano. Embora a personagem no início da narrativa já esteja inserida no espaço urbano, por meio de seus rompantes de memória, ela também retomará seu passado quando criança, no interior de Alagoas, onde morava com sua tia. Dessa forma, tanto em Ponciá quanto em Macabéa, o espaço e o tempo estão imbricados por conta da retomada de suas memórias afetivas.

Como podemos ver, o que aproxima as personagens Macabéa e Ponciá, além dos contextos de pobreza e o sonho de buscar uma vida melhor na cidade, é a forma com que o espaço e o tempo estão estabelecidos nas duas narrativas, ou seja, o resgate da infância das duas personagens, e a luta de ambas para enfrentar o desafio de sobreviver em um ambiente totalmente desconhecido por elas. Tais fatos as levarão a um grande conflito existencial; nele estão os sentimentos de vazio por não se encontrarem como sujeitos, além da perda, que aqui é posta como a perda de território.

Esse apontamento é confirmado em *A Hora da estrela* quando o narrador Rodrigo S.M nos fala que a experiência para Macabéa foi tão assustadora que ela, em seu novo espaço, parecia com uma galinha que corria com o pescoço cortado. Podemos ver que a experiência da moça na cidade grande a deixou traumatizada.

Já Ponciá, ao chegar de trem na cidade grande, começa a perceber o tamanho de seu desespero, quando a narradora descreve o seu olhar: “Levantou aflita e olhou desesperada lá fora a procura de alguém” (EVARISTO, 2017, p.31).

Esse alguém a quem a personagem procura não se trata de qualquer sujeito, mas sim de alguém que pode lhe amparar nesse momento. A solidão a deixa meio desorientada e apavorada. Podemos constatar, mediante ao que foi analisado até agora, que o fato das duas personagens deixarem seu lugar de origem, tira delas a segurança e a sensação de estarem protegidas. Segundo Bachelard, “[...] a casa é o nosso canto do mundo. Ela é como se diz amiúde, o nosso primeiro universo [...]” (BACHELARD, 1989, p.24).

Por isso, Macabéa e Ponciá ao se distanciarem desse espaço, o lar, sentem-se desprotegidas, desamparadas em meio à imensidão da cidade grande, que será o novo local de sobrevivência para ambas. O novo espaço em que se encontra Ponciá é um barraco na favela, nem de longe o lar almejado por ela antes de vir para cidade. Quanto a Macabéa, também é possível dizer que o cubículo na rua do Acre, em cima das Lojas Americanas, dividido com quatro colegas, não seria o ideal de lar que a nordestina, em sua terrinha, teria sonhado. Sendo assim, é possível perceber o quanto elas se tornaram vulneráveis nesse novo ambiente. Segundo a afirmação de Bachelard:

Na vida do homem, a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “jogado no mundo”, como o professam as metafísicas apressadas, o homem é colocado no berço da casa. E sempre, nos nossos devaneios, ela é um grande berço. Uma metafísica não pode deixar de lado esse fato, esse simples fato, na medida em que ele é um valor, um grande valor ao qual voltamos aos nossos devaneios. O ser é imediatamente um valor. A vida começa bem, começa fechada, protegida, agasalhada no regaço da casa (BACHELARD, 1989, p.26).

Portanto, conseguimos compreender que tanto Ponciá quanto Macabéa, ao mudarem de seu local de origem, sentiram-se fora do útero materno. Há mudanças drásticas na vida dessas duas personagens, trazendo-lhes diversos conflitos, e a falta de despreparo em conviver numa sociedade cruel e implacável arrancara delas o sonho e o direito de uma vida igualitária.

## **A representação da memória nas narrativas**

Em *Ponciá Vicêncio*, o enredo gira em torno da memória de sua personagem, que vive entre seu passado e presente. A memória nessa obra é peça chave para nos situarmos no tempo e no espaço, revisitando o período de escravidão vivido pelos familiares de Ponciá e a passagem de tempo da infância e vida adulta da personagem na cidade grande por meio de *flashbacks*. É por meio das reminiscências da personagem que o narrador, de uma maneira suave e lírica, relata a transição do tempo de escravidão e do aprisionamento no espaço da senzala ao aprisionamento psicológico da vida da personagem, no que tange ao sofrimento causado pela força de trabalho imposto no espaço da cidade, em específico na fazenda de seu coronel Vicêncio.

Nesta perspectiva, a memória no romance é transmitida pelo narrador onisciente de duas maneiras: a primeira com o distanciamento dos fatos narrados e a segunda maneira quando se aproxima das personagens; ele revela as experiências individuais de cada personagem, levantando diversas reflexões quanto a essas experiências que terão conexões coletivas. Tais reflexões levam o leitor ao encontro entre ficção e realidade. Na passagem abaixo, podemos ver claramente como o narrador apresenta a vida dessa personagem e de seus familiares que lutam para sobressaírem do ciclo de miséria e subordinação do coronel Vicêncio.

Bom mesmo que os filhos tivessem nascidos mortos, pois, assim, se livraram de viver uma mesma vida. De que valera o padecimento de todos aqueles que ficaram para trás? De que adiantara a coragem de muitos em escolher a fuga, de viveram o ideal quilombola. De que valera o desespero de Vô Vicêncio? Ele, num ato de coragem- covardia, se rebelara, matara uns dos seus e quisera se matar também. O que adiantara? A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida (EVARISTO, 2017, p.71-72).

Nessa passagem, fica nítido que são as reminiscências de Ponciá que nos ajudarão a compreender as razões da busca constante por sua existência, de tal maneira que o narrador nos mostra que as lembranças de escravidão e injustiças sociais, causados à população afro-brasileira, conduzirão toda a narrativa, abordando o tempo presente e o passado. Os espaços, rural e urbano, influenciarão a condição miserável em que vive a personagem, deixando-a no anonimato.

### **O gênero em *A hora da estrela* e *Ponciá Vicêncio***

Em *A hora da estrela*, Macabéa é descrita como mulher pobre, nordestina, migrante e principalmente ingênua, desprovida de qualquer saber e vocação para viver, sendo caracterizada com tais estereótipos a partir da ótica do outro. O feminino de Macabéa é construído a partir da percepção masculina. Tal fato é justificado em diversas passagens, em que o narrador narra pejorativamente a vida da personagem, como no seguinte trecho:

[...] limito-me a contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela. Ela que devia ter ficado no Sertão de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro ano primário. [...]. A pessoa de quem vou falar é tão tola que às vezes sorri para os outros na rua. Ninguém lhe responde ao sorriso porque nem ao menos a olham (LISPECTOR, 1999, p.15-16).



Nessa passagem, vemos que a Macabéa é tratada como ser inferior. Outro ponto relevante é a falta de estudo da personagem. Por isso, podemos dizer que o sujeito dá um salto em sua forma de viver ao tentar melhores condições de vida na cidade grande. Ela passa por dificuldades financeiras na transição do interior para a cidade; ou seja, é marcada pelo desamparo que sofre, também por ser migrante, pelas classes mais abastadas. Sente frio e fome em decorrência da falta de oportunidade na cidade:

Quanto à moça, ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior e nem melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando. Na verdade- para que mais que isso? O seu viver é ralo. Sim. Mas por que estou me sentindo culpado? E procurando aliviar-me do peso de nada ter feito de concreto. Para adormecer nas frígidas noites de inverno enroscava-se em si mesma, recebendo-se e dando-se o próprio parco calor. Dormia de boca aberta por causa do nariz entupido, dormia até o nunca (LISPECTOR, 1999, p. 23-24).

Toda a experiência vivida por Macabéa, entre sua infância e suas agruras na fase adulta, a leva a questionar sua existência no mundo. A busca da personagem em saber quem ela é torna-se evidente no trecho em que questiona sua identidade:

Essa moça não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro. Daí não se sentir infeliz. A única coisa que queria era viver. Não sabia para que, não se indagava. Quem sabe, achava que havia uma gloriuzinha em viver. Ela pensava que a pessoa é obrigada a ser feliz. Então era. (LISPECTOR, 1999, p. 27).

Macabéa, para o narrador, faz parte de uma subclasse. A personagem é totalmente marginalizada. Mesmo com todas as adversidades, ela quer ser ela. Outro ponto que coloca a questão do conflito da identidade é o fato de que a personagem, mesmo sendo virgem e não conhecendo seu corpo, ela sentia desejo sexual, mas o reprimia por conta da criação que recebera da tia beata que acreditava que o casamento só era digno a uma mulher virgem.

Trabalhar e ser provedora do próprio sustento traz a Macabéa uma satisfação. Em uma das passagens na obra, podemos ver que a personagem se orgulha de sua profissão de datilógrafa. Além disso, a personagem, mesmo diante das tensões, provocadas por uma sociedade excludente, crê que não merece uma vida melhor, ou seja, a personagem entra em estado de conformismo.

Macabéa passa a se relacionar com Olímpico, que mora no Rio de Janeiro, e que trabalha como operário em uma metalúrgica. Rapaz ambicioso que exerce sobre Macabéa seu poder de persuasão, mostrando que ele tem posição importante na sociedade. Em relação a este poder exercido, o narrador enfatiza que Olimpo não precisa aprender a escrever, pois aprende as palavras de ouvido; ou seja, o homem é

autossuficiente. Nessa afirmação, podemos ver como as crenças impostas pela sociedade interferem na constituição de identidade dessa mulher.

E eis que fiquei receoso quando pus palavras sobre a nordestina. E a pergunta é: como escrevo? Verifico que escrevo de ouvido assim como aprendi inglês e francês de ouvido. Antecedentes meus do escrever? sou um homem que tem mais dinheiro que os que passam fome, o que faz de mim de algum modo desonesto (LISPECTOR, 1999, p. 18).

É evidente que a personagem tenta agradá-lo com o conhecimento que adquirira pelo programa de rádio, mas Olímpico não lhe dá confiança. Aqui há o primeiro silenciamento da mulher frente ao saber do homem como sendo o mais confiável. Ela finge que sabe de todas as informações que ele fala. Esta é uma maneira de camuflar o fato de não ter conhecimento nenhum sobre o assunto, além de ser um homem que a trai com Glória, causando-lhe pressão psicológica. O fato de que ela é desprovida de qualquer conhecimento, faz com que Olímpico aproveite de sua simplicidade de maneira violenta. Com isso, Macabéa acaba acreditando que ela não é nada.

Em *Ponciá Vicêncio*, o narrador descreve a personagem principal como negra, pobre, simples, nascida na roça e que ao se tornar adulta passa também por uma crise de identidade. Além disso, Ponciá é caracterizada como uma mulher descendente de escravos e todos que moravam com ela lidavam com o trabalho da roça. Ela ajuda no sustento da família e, conseqüentemente, é uma mulher que teve uma falsa independência pela sua sobrevivência. Por saber ler, ela acredita que possa mudar o rumo da sua história. Essa mulher lutadora, logo mais à frente na narrativa, sentirá o peso do fracasso, tornando-se uma mulher totalmente aquém, por conta de suas dificuldades de aceitação de sua condição de empréstimo de um nome e de vida.

Em vista disso, sabemos que as duas mulheres, Macabéa e Ponciá, que são independentes, são vistas pela sociedade como indignas e invisíveis. De acordo com Soihet, 2000, p.367 apud Medeiros 2008, p.94:<sup>1</sup>

[...] as mulheres pobres, em grande parte, não se adaptavam às características dadas como universais ao sexo feminino: submissão, recato, delicadeza, fragilidade. Eram mulheres que trabalhavam e muito, em sua maioria não eram formalmente casadas, brigavam na rua, pronunciavam palavrões, fugindo em grande escala, aos estereótipos atribuídos ao sexo frágil [...].

Como mencionado anteriormente, a situação de subordinação de Ponciá, pela primeira vez, é trazida na literatura de uma maneira crítica, abordando a questão de gênero por meio da representação do arco íris, quando a personagem teme passar debaixo dele. Neste momento, a garota traz incutida em si a crença de que se passar sob o arco-íris, ela se tornará menino. Esse trecho representa o primeiro questionamento de sua identidade.

---

<sup>1</sup> Disponível em: MEDEIROS, Vladimir José de. **Criminosas: Maria Ribeira e Eli Terezinha Welter- uma visão de gênero.** / MEDEIROS, Márcia Maria de (Org.); MENON, Maurício César; ZIMMERMAN, Tânia Regina. At.al. **Ensaio sobre o feminino.** Editora da Universidade de Passo Fundo (UPF), 2008.

Quando Ponciá Vicêncio viu o arco-íris no céu, sentiu um calafrio. Recordou o medo que tivera durante toda a infância. Diziam que menina que passasse por debaixo do arco-íris virava menino. Juntava, então, as saias entre as pernas tampando o sexo e, num pulo, com o coração aos saltos, passava por debaixo do angorô. Lá estava o púbis bem plano, sem nenhuma saliência, a não ser os pelos (EVARISTO, 2017, p. 13).

Outro ponto relevante que contribui para o conflito interno de Ponciá é o nome herdado pelo Vô Vicêncio, um nome que lhe traz um sentimento de despertencimento e de não saber quem realmente ela é, como podemos ver no seguinte trecho:

Ponciá Vicêncio sabia que o sobrenome dela tinha vindo desde antes do avô de seu avô, o homem que ela havia copiado de sua memória para o barro e que a mãe não gostava de encarar. O pai, a mãe, todos continuavam Vicêncio. Na assinatura dela a reminiscência do poderio do senhor, um tal coronel Vicêncio. O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens. E Ponciá? De onde teria surgido Ponciá? Por quê? Em que memória do tempo estaria escrito o significado do nome dela? Ponciá Vicêncio era para ela um nome que não tinha dono (EVARISTO, 2017, p. 26)

Como podemos ver, o nome dado à personagem traz à memória a lembrança da dominação e imposição do homem branco; os escravos eram marcados como gado. Essa associação mostra a posse dos brancos sobre a família de Ponciá no período da escravidão. O fato de o nome da personagem ser algo imposto faz com que os conflitos iniciais permeiem em sua mente. Ao chegar à cidade, a personagem terá que lidar, mais uma vez, com a imposição do patriarcalismo; ou seja, o aprendizado dos afazeres domésticos para a obtenção do primeiro emprego como “empregada doméstica” na cidade grande. Afinal, em uma sociedade excludente, a mulher que tem pouco estudo, principalmente a mulher negra e pobre, é predestinada aos trabalhos mais árduos.

O narrador revela a falta de habilidade de Ponciá, neste trecho: “Não tinha experiência de cuidar de casas de ricos, porém sabia lidar muito com o barro” (EVARISTO, 2017, p. 37). Em outro momento, ele narra que a protagonista vai aprendendo como fazer o serviço de uma casa na cidade. Com isso, a moça é desprovida na habilidade dos serviços domésticos.

De acordo com Beauvoir (1967), vivemos em uma sociedade em que ainda é dominada pelo poder masculino e, de certa forma, esse poder contribui para a formação do estereótipo da mulher enquanto boa esposa e do lar. Essa prática distancia a mulher de ocupar outros espaços, de maneira que surgem frustrações por não conseguir realizar os seus sonhos, o de ter uma vida melhor por exemplo. Isso ocorre com Ponciá, ela manuseia muito bem o barro, mas se a ocupação fosse de artesã, ofício em que possui habilidade, sua história poderia ser diferente, mas a personagem sai da sua zona de conforto em busca de seu espaço. Neste momento, a personagem mostra a sua insatisfação.

Mas que prazer, onde morava o prazer? Às vezes ficava matutando para quem a vida se tornava mais difícil. Para a mulher ou para o homem? Lembrava-se do pai, da história do pai dele, o Vô Vicêncio, do irmão dela que trabalhava desde cedo nas terras dos brancos e que nem tempo de brincadeiras tivera. E acabava achando que, pelo menos para os homens que ela conhecera, a vida era tão difícil quanto para a mulher (EVARISTO, 2017, p. 48).

A representação de gênero na obra se afirma quando Ponciá encontra o seu “homem”. O narrador diz que, neste momento, ela encontra o amor da vida dela. Embora a personagem estivesse em condições não favoráveis, tendo em vista que tinha trabalhado muito para comprar um “barraco” na favela, ela ainda era sonhadora e isso o seu próprio homem confirma ao descrevê-la: “Ela, entretanto, figurava ser a dona dos sonhos, parecia morar em outro lugar. Às vezes, era como se o espírito dela fugisse e ficasse só o corpo (EVARISTO, 2017, p.56).

Como diz o “homem” (outro personagem), o fato de ela sonhar demais, deixava-a alheia da própria vida real. No decorrer do romance, percebemos que o distanciamento da personagem começa a trazer vários conflitos com seu “homem”. A falta de diálogo entre o casal cria um distanciamento, levando a personagem, mais uma vez, a questionar sobre sua existência. Ponciá, no decorrer do relacionamento, descobre que está grávida e aposta suas esperanças em uma nova vida, mas fracassa ao sofrer sete abortos, levando-a a refletir sobre as razões de uma vida miserável que levava na cidade. Acaba chegando à conclusão de que foi bom os filhos terem nascidos mortos.

A personagem começa a se entregar ao fluxo de consciência provocado pela tristeza diante das diversas dificuldades; termina por entender quem ela realmente é e qual a sua função nessa sociedade, além de apenas sofrer.

Mediante esses conflitos, a personagem perde, ainda mais, o sentido do que é “ser” mulher, passando a ser apenas um objeto sexual, cujo único objetivo é dar prazer ao seu homem: “Ponciá já andava meio desolada. Abria as pernas, abdicando do prazer e desesperançosa de ver se salvar o filho” (EVARISTO, 2017, p. 46). Após não poder mais ter filhos, há uma frustração da protagonista e, então, ela serve somente para procriar? E onde ficam as suas vontades, realizações nessa sociedade tão machista?

Caso Ponciá tivesse uma vida com mais oportunidades de trabalho, seu destino seria diferente, mas, levamos em consideração que a personagem é forte e resistiu a todas às opressões físicas e psicológicas impostas pelo processo da escravidão. Ela, mesmo decidindo ir embora da vila Vicêncio e dando o seu grito de liberdade, ainda carrega em suas memórias todas as marcas de seu passado que a assombrava pelo fato de ter o nome do seu opressor. Estava presa a um nome que não a representava.

A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas

batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida (EVARISTO, 2017, p. 72).

Todas as questões apontadas levaram Ponciá a conflitar sua identidade de tal maneira que nos fez compreender que tanto a história quanto as questões sociais tornaram Ponciá marginalizada. A personagem serviu como a representação do povo negro na sociedade. Portanto, as adversidades de vida e os conflitos existenciais de Macabéa e Ponciá mostram ficcionalmente como a literatura tem o poder de representar a realidade da sociedade, levando-nos a refletir até que ponto as vivências das próprias autoras se confundem com a história de suas personagens.

### **Anonimato: do poder da palavra ao silêncio**

Em *A hora da estrela* e em *Ponciá Vicêncio*, a narrativa gira em torno do jogo de linguagem, e é esse jogo que terá sob o leitor um poder de conhecimento, comunicação e convencimento, isso vai proporcionar no desenrolar do romance um debate sobre a existência humana e seus conflitos sociais. Nessa perspectiva, a obra vem denunciar as máscaras sociais, através de sua escrita moderna, com suas múltiplas relações entre escritor leitor e seus personagens.

A violência sofrida pela personagem, ao ser espancada por seu homem, é motivada pela situação de silêncio de Ponciá. Contudo, o homem (marido), cujo nome não é mencionado, acredita que esse ato de violência é uma maneira da personagem voltar a si. No entanto, o que ele apenas recebe em troca é o silêncio de Ponciá, como forma de expressar a raiva que ela sente ao não poder dizer e fazer nada para mudar a sua situação. Como podemos ver, esse sentimento de ira e revolta se confirma no trecho: “O fogo dançou sob a panela como se quisesse incendiar tudo” (EVARISTO, 2017, p. 22). A revolta que Ponciá externa é a de sua condição de mulher que não tem controle sobre a sua condição.

De acordo com Orlandi (2007, p. 14), o silêncio é dizível em si mesmo: “[...] quando dizemos que há silêncio nas palavras, estamos dizendo que elas são atravessadas de silêncio; elas produzem silêncio; o silêncio ‘fala’ por ela; elas silenciam”. O silêncio na obra é apresentado como mecanismo de defesa para a personagem, no qual encontra refúgio de sua vida dura na cidade. Nesta perspectiva, vejamos outro trecho, em que a personagem se silenciará como forma de fugir de sua realidade: “Ponciá Vicêncio não queria mais nada com a vida que lhe era apresentada. Ficava olhando sempre outro lugar de outras vivências. Pouco se dava se fazia sol ou se chovia. Quem era ela? Não sabia se dizer. Ficava feliz e ansiosa pelos momentos de sua autoausência” (EVARISTO, 2017, p. 77).

Podemos perceber que a ausência da personagem está muito ligada a suas lembranças e são elas que vão levar essa personagem a silenciar cada vez mais. Então, todo sofrimento e violência vivida por Ponciá serão responsáveis por silenciá-la, como no trecho abaixo:

Quando o homem viu o sangue a escorrer-lhe pela boca e pelas narinas, pensou em matá-la, mas caiu em si assustado. Foi ao pote, buscou uma caneca d'água e limpou arrependido e carinhoso o rosto da mulher. Ela não reagia, não manifestava qualquer sentimento de dor ou de raiva. E desde esse dia, em que o homem lhe batera violentamente, ela se tornou quase muda. Falava somente por gesto e pelo olhar (EVARISTO, 2017, p.83).

Para Orlandi (2007, p. 29), “[...] o silêncio pode ser considerado tanto parte da retórica da dominação (a da opressão) como de sua contrapartida, a retórica do oprimido (a da resistência)”. A violência atinge, em especial, a mulher negra de uma maneira dura que a única solução é fechar-se em seu próprio mundo e em suas lembranças. Dessa forma, o silêncio será responsável por trazer muitas coisas ao leitor, dentre elas os reflexos de um período escravocrata. Isso faz com que o leitor compreenda que o negro sofreu e sofre na pele uma falsa abolição.

Em *A hora da estrela*, o silêncio se configura por meio dos escritos da própria autora que transfere ao narrador S.M a responsabilidade de buscar as respostas para as desigualdades sociais. Com isso, a obra nos mostra que a realidade das pessoas pobres em nosso país pouco mudou. Vejamos um trecho em que tal afirmação é posta.

Limito-me a humildemente – mas sem fazer estardalhaços de minha humildade que já não seria humilde – limito-me a contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela. Ela que devia ter ficado no Sertão de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro ano primário (LISPECTOR, 1999, p. 15).

A obra de Clarice Lispector é como se fosse uma pergunta a uma sociedade injusta. “A hora da estrela” é a voz daquele em que o direito de falar foi negado e Rodrigo S.M vai ser a palavra que dará voz ao silêncio, como forma de encontrar respostas. No entanto, ele fracassa, passando a responsabilidade para o leitor. Com isso, resta mais uma vez o silêncio que culmina a narrativa do início ao fim. Vejamos um trecho em que isso acontece:

Silêncio. Se um dia Deus vier à terra haverá silêncio grande. O silêncio é tal que nem o pensamento pensa. O final foi bastante grandiloquente para a vossa necessidade? Morrendo ela virou ar. Ar enérgico? Não sei. Morreu em um instante. O instante é aquele átimo de tempo em que o pneu do carro correndo em alta velocidade toca no chão e depois não toca mais e depois toca de novo. Etc., etc., etc. No fundo ela não passara de uma caixinha de música meio desafinada. Eu vos pergunto: — Qual é o peso da luz? E agora — agora só me resta acender um cigarro e ir para casa. Meu Deus, só agora me lembrei que a gente morre. Mas — mas eu também?! (LISPECTOR, 1999, p.86-87).

Como podemos ver o silêncio presente em *A hora da estrela* tem por objetivo impedir o leitor de aceitar alguns discursos instituídos. Orlandi (2007, p. 31; 78) afirma que “[...] o silêncio não fala. O silêncio é. Ele significa. Ou melhor: no silêncio, o

sentido é. A incompletude do sujeito pode ser compreendida como trabalho do silêncio”.

O silêncio na obra de Lispector visa gerar um incômodo, ou seja, o silêncio fala tudo e isso faz com que a obra não traga respostas prontas, mas, sim, levanta questionamentos e revela contradições. Portanto, o silêncio vem como a forma mais concreta de atingir o sentido das coisas, e vai constituir a manifestação extrema da linguagem esvaziada emitindo novas significações.

Tratando do narrador, em *A hora da estrela* se sabe que Rodrigo S.M é o escritor. Os acontecimentos e emoções de Macabéa estão sob o poder da palavra desta voz que demonstra insegurança em iniciar a narrativa.

Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas. Mas voam faíscas e lascas como aços espelhados. Ah que medo de começar e ainda nem sequer sei o nome da moça. Sem falar que a história me desespera por ser simples demais. O que me proponho a contar parece fácil e à mão de todos. Mas a sua elaboração é muito difícil. Pois tenho que tornar nítido o que está quase apagado e que mal vejo. Com mãos de dedos duros enlameados apalpar o invisível na própria lama (LISPECTOR, 1999, p.19).

Outra dificuldade do narrador é em descrever a vida de Macabéa, pois não há palavras suficientes que represente a fragmentação desta mulher nordestina, já que esta é representada como simples e ingênua. É refletida nas palavras do narrador as ações da personagem.

(Escrevo sobre o mínimo parco enfeitando-o com púrpura, jóias e esplendor. É assim que se escreve? Não, não é acumulando e sim desnudando. Mas tenho medo da nudez, pois ela é a palavra final.) Enquanto isso, Macabéa no chão parecia se tornar cada vez mais uma Macabéa, como se chegasse a si mesma (LISPECTOR, 1999, p.82)

Rodrigo S.M por meio da palavra mostra a ingenuidade e simplicidade da personagem em várias passagens da obra, tal como no trecho:

Mas a tia lhe ensinara que comer ovo fazia mal para o fígado. Sendo assim, obediente adoecia, sentindo dores do lado esquerdo oposto ao fígado. Pois era muito impressionável e acreditava em tudo o que existia e no que não existia também. Mas não sabia enfeitar a realidade. Para ela a realidade era demais para ser acreditada. Aliás a palavra “realidade” não lhe dizia nada. Nem a mim, por Deus. Quando dormia quase que sonhava que a tia lhe batia na cabeça (LISPECTOR, 1999, p. 34)

Dessa forma, o narrador afirma que a palavra para Macabéa é tida como algo regimental, ou seja, que devia ser seguida literalmente. Diz ainda que ela é complexa e questionadora a ponto de moldar as ações do mundo e da personagem.

Já em *Ponciá Vicêncio*, a palavra se destaca na linguagem poética. Evaristo nos traz o cotidiano das personagens ao apresentar uma vida de muitas lutas e sofrimentos através de um olhar poético. A palavra no texto também é destaque por proporcionar ao sujeito étnico um discurso, a partir do seu ponto de vista, trazendo a voz feminina, marcada pelas vivências da escravidão que mesmo com a abolição da escravatura ainda aprisiona o povo afrodescendente, em que as desigualdades sociais ainda estão presentes nos dias atuais.

O fato de a autora ser afrodescendente faz com que a palavra em sua obra tenha o poder de denunciar os abusos sofridos pelos descendentes de escravos e também mostrar a importância desse povo na construção da história do país e na negação desse direito, não somente isso, mas também como a palavra se torna uma arma poderosa na questão da resistência, tanto na condição de mulher quanto na condição étnica. Vejamos uma fala de Evaristo, em que a forma que ela fala de sua personagem (Ponciá) mostra o quanto a realidade e a ficção se confundem e como a resistência feminina é demarcada na narrativa.

Por ocasião de uma palestra, iniciei minha fala afirmando que gostava de meus parentes; de alguns eu gostava mais, de outros, menos. Nos primeiros instantes, a audiência se surpreendeu, percebi movimentos tradutores do incômodo que minhas primeiras palavras causaram. A palestrante iria falar sobre questões familiares? Não! Eu estava me referindo a outro tipo de parentesco. Falava das personagens criadas por mim. Minhas crias, portanto parentes e de primeiro grau. Em meu enlevo por parentes, há uma parenta da qual eu gosto particularmente. Essa é a Ponciá Vicêncio. Entretanto, nem sempre gostei dela. Não foi amor à primeira vista. Aprendi a gostar da moça, de tanto amor que ela provocava nas pessoas. E, quando me chegavam falando de Ponciá Vicêncio, eu parava para escutar e achava sempre um motivo para gostar dela também. Resolvi então ler a história da moça. Ler o que eu havia escrito. Veio-me à lembrança o doloroso processo de criação que enfrentei para contar a história de Ponciá. Às vezes, não poucas, o choro da personagem se confundia com o meu, no ato da escrita. Por isso, quando uma leitora ou um leitor vem me dizer do engasgo que sente, ao ler determinadas passagens do livro, apenas respondo que o engasgo é nosso. A nossa afinidade (Ponciá e eu) é tão grande, que, apesar de nossas histórias diferenciadas, muitas vezes meu nome é trocado pelo dela. Recebo o nome da personagem, de bom grado. Na con(fusão) já me pediram autógrafa, me abordando carinhosamente por Ponciá Evaristo e distraída quase assinei, como se eu fosse a moça, ou como se a moça fosse eu (EVARISTO, 2017, p. 7-8).

Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, e Macabéa, de Clarice Lispector, passam pelo processo migratório, na ânsia de encontrar um futuro melhor. Clarice, com Macabéa, dá voz a essa personagem marginalizada pela sociedade, mostrando suas adversidades sofridas quando busca algo melhor para viver. A autora não tira somente Macabéa do anonimato como também as diversas nordestinas (os) que podem ser representadas por ela; mulheres, e também homens, que têm o mesmo objetivo: sair da pobreza. A autora mostra bem essa questão do anonimato dessas pessoas em sua obra quando o narrador Rodrigo S.M diz:



Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estufa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiram como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe? (LISPECTOR, 1999, p.14).

Esse trecho nos mostra bem como existem várias moças como Macabéa vivendo no anonimato. Tem-se a impressão que elas estão abandonadas pela sociedade e também pelo estado. Pela desqualificação e falta de instrução, devido à dificuldade financeira, são exploradas nas cidades grandes, trabalhando muito e recebendo muito pouco.

### **Considerações finais**

Neste artigo aproximamos as obras *A hora da estrela* e *Ponciá Vicêncio*, destacando como as personagens principais, Macabéa e Ponciá, são constituídas como sujeitos no espaço e no tempo, em condições de miséria na cidade grande. As narrativas trazem alguns elementos, como o silêncio e a palavra, que são peças chaves na construção da memória temporal e espacial, de maneira a contribuir na constituição subjetiva dessas mulheres. Cabe ressaltar que embora as autoras tirem suas personagens do anonimato, por meio da literatura, elas representam as várias mulheres brasileiras marginalizadas que ainda se encontram ignoradas, sem visibilidade na sociedade.

Ponciá Vicêncio e Macabéa são sujeitos que apresentam diferenças em suas constituições, tornando-se dois exemplos de personagens femininos que, dentro da literatura brasileira, fogem do estereótipo, pois são mulheres com visões de mundo e ações singulares em comparação a outras personagens.

Dessa forma, pode-se confirmar que tais essências estão ancoradas na ideia de que, por exemplo, *A hora da estrela* possa representar um divisor de águas quando Lispector entrega ao leitor uma personagem feminina diferente de outras personagens das narrativas brasileiras, por se tratar justamente de uma mulher pobre, nordestina, migrante, praticamente sem habilidade para vencer as dificuldades e as trapaças que a realidade lhe impõe. O mesmo se pode dizer de Evaristo, que cria uma personagem, uma mulher negra, sobrevivendo anonimamente, no amplo sentido que esta palavra quer dizer, sem muitas chances de melhorar de vida.

Perece que o que “salva” essas personagens tão parecidas, mas ao mesmo tempo tão diferentes em suas culturas e identidades, é o sonho e a memória. Elas são representantes, na ficção, de mulheres que, ao longo de suas vidas, sobreviveram sob o machismo dos homens e também sob o sistema político, cultural e social do país.

### **Referências**

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda, 1989.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Editora Difusão Européia do Livro - 2ª ed, São Paulo, 1967.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.

DALCASTAGNÉ, Regina. “A auto representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea”. *Revista Letras de Hoje*. Porto Alegre, v.42, n.4, p. 18-31, dezembro 2007.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Editora Pallas: Rio de Janeiro, 2017.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MEDEIROS, Vladimir José de. “Criminosas: Maria Ribeira e Eli Terezinha Welter- uma visão de gênero.” / MEDEIROS, Márcia Maria de (Org.); MENON, Maurício César; ZIMMERMAN, Tânia Regina. (Orgs.) *Ensaio sobre o feminino*. Editora da Universidade de Passo Fundo (UPF), 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

